

EFEITO DO CICLO DE VIDA ORGANIZACIONAL E DA AGRESSIVIDADE TRIBUTÁRIA NA ASSIMETRIA DOS CUSTOS

KETLIN STUMPF PINTO

Universidade Comunitária da Região de Chapecó- UNOCHAPECÓ

MARA VOGT

Universidade Comunitária da Região de Chapecó- UNOCHAPECÓ

CRISTIAN BAU DAL MAGRO

Universidade Comunitária da Região de Chapecó- UNOCHAPECÓ

JULIANA FÁTIMA KEMPKA

Universidade Comunitária da Região de Chapecó- UNOCHAPECÓ

Resumo

O objetivo do estudo é analisar o efeito do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária na assimetria dos custos. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, documental e quantitativa. Foram coletados dados contábeis e financeiros referentes ao período de 2019 a 2023, totalizando 1.164 observações de empresas listadas na B3. Para análise, utilizou-se o método de regressão múltipla com dados em painel desbalanceado, permitindo capturar variações entre empresas e ao longo do tempo. O modelo considerou os efeitos diretos do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária sobre a assimetria dos custos, bem como o efeito moderador entre essas variáveis. Os resultados indicaram que os estágios de maturidade e declínio influenciam negativamente a assimetria dos custos, confirmando a rigidez estrutural e as limitações adaptativas previstas pela teoria do ciclo de vida. Por outro lado, o estágio de crescimento não apresentou relação estatisticamente significativa. A agressividade tributária, mensurada pela taxa efetiva de tributos (ETR), não mostrou efeito direto ou moderador relevante sobre a assimetria dos custos, sugerindo que outros fatores podem interferir nessa relação. O estudo contribui ao integrar variáveis pouco exploradas no contexto brasileiro, oferecendo subsídios para políticas de controle de custos mais adaptativas e um planejamento tributário mais coerente com o estágio organizacional. Sob a perspectiva social, reforça a importância de práticas contábeis éticas e sustentáveis para o fortalecimento da governança corporativa.

Palavras chave: Ciclo de Vida Organizacional, Agressividade Tributária, Assimetria dos Custos, Assimétrica dos Custos.

1. INTRODUÇÃO

A teoria do Ciclo de Vida Organizacional (CVO) explica os diferentes estágios que uma organização passa ao longo de sua trajetória, sendo classificadas em crescimento, maturidade e declínio (Dickinson, 2011; Faaf et al., 2016). Cada qual apresenta características próprias quanto à estrutura operacional, objetivos estratégicos, desempenho financeiro e postura diante de riscos e oportunidades (Dickinson, 2011). Durante o estágio de declínio, um dos sintomas mais marcantes é a insuficiência de recursos financeiros, o que frequentemente leva à adoção de estratégias de gestão mais agressivas, inclusive no campo tributário, como forma de garantir sua sobrevivência (Ribeiro, Brugni, 2020). Superado esse momento crítico, inicia-se o estágio de crescimento, caracterizado pela geração de caixa, inovação e expansão de mercado (Souza et al., 2008; Dickinson, 2011; Roma et al., 2021), e por posturas mais conservadoras no tratamento das demonstrações financeiras (Lima et al., 2015).

No entanto, Marques et al. (2022) indicam que empresas nos estágios de crescimento e declínio tendem a adotar práticas mais agressivas de planejamento tributário, enquanto aquelas em maturidade demonstram maior conformidade fiscal, priorizando estratégias conservadoras e transparentes. Esses achados sugerem que os diferentes estágios do ciclo de vida influenciam diretamente a estruturação da política tributária nas organizações. Corroborando com essa perspectiva, Silveira et al. (2023) identificaram, ao analisarem os custos de auditoria ao longo do ciclo organizacional, que os estágios de crescimento estão associados ao maior rigor e elevação desses custos.

Nesse contexto, a agressividade tributária refere-se ao conjunto de estratégias adotadas pelas empresas para reduzir sua carga tributária e, assim, aumentar a lucratividade (Alkurdi & Mardini, 2020; Martinez & Ramalho, 2017; Zhang et al., 2022). Essa redução ocorre por meio da elisão fiscal, quando o planejamento está em conformidade com a legislação, ou da evasão fiscal, quando a conduta viola normas legais (Martinez & Ramalho, 2017). Esta escolha estratégica tende a variar conforme o estágio do ciclo de vida organizacional, influenciando diretamente as decisões financeiras e contábeis da empresa. Neste sentido, Dunbar et al. (2010), Martinez e Dalfior (2015), Martinez e Ramalho (2017), Ribeiro e Brugni (2020) e Rakia et al. (2024) mediram a agressividade fiscal por meio da Effective Tax Rate (ETR), que permite captar com maior precisão o ônus tributário efetivamente suportado pelas empresas, sendo especialmente útil para análises comparativas em estudos com dados em painel.

Ainda dentro dessa perspectiva, Marques et al. (2022) ressaltam que os estágios do ciclo de vida das empresas exercem um papel moderador na relação entre agressividade tributária e os níveis de investimento das firmas brasileiras. O estudo reforça a ideia de que a redução de tributos pode funcionar como uma estratégia relevante, impactando diretamente tanto o lucro quanto as decisões de alocação de recursos. Complementando essa discussão, Bauer et al. (2020) mostram que o planejamento tributário agressivo pode facilitar o desvio de recursos por parte de acionistas controladores, sobretudo em empresas chinesas, atuando principalmente por dois canais: a geração de fluxos de caixa adicionais, resultantes das economias fiscais, e o aumento da opacidade financeira. Os resultados reforçam a necessidade de políticas robustas de governança corporativa e fiscalização tributária. Portanto, a agressividade tributária pode influenciar diretamente o comportamento dos custos nas organizações.

A assimetria dos custos refere-se à resposta desproporcional dos custos às variações na atividade: aumenta mais quando as vendas sobem do que diminuem quando elas caem (Anderson et al., 2003). Costa et al. (2020), analisaram a assimetria dos custos e despesas em relação à receita, após adoção das International Financial Reporting Standards - IFRS, usando as informações de receita, custos e despesas de todas as empresas listadas no Brasil, Bolsa, Balcão. O estudo evidencia a necessidade de investigar fatores adicionais que influenciam essa assimetria, como a agressividade tributária.

Xu e Zhang (2018) identificaram que níveis mais elevados de agressividade tributária tendem a reduzir a assimetria dos custos, sugerindo maior rigor no controle de despesas, especialmente em períodos de queda de receita. Seu estudo confirma uma correlação negativa entre agressividade tributária e assimetria dos custos, sobretudo em ambientes institucionais com elevada complexidade regulatória e instabilidade econômica, como o brasileiro. Esta assimetria, reflete o comportamento desproporcional dos custos frente às variações nas vendas (Anderson et al., 2003; Weiss, 2010; Richartz & Borgert, 2020; Silva et al., 2019).

No Brasil, a assimetria dos custos foi abordada por Richartz et al. (2014), Silva et al. (2019) e Melo et al. (2022). Silva et al. (2019), analisaram a relação entre a assimetria dos custos e o gerenciamento de resultados em empresas brasileiras, concluindo que o lucro

contábil sofre variações associadas tanto à assimetria dos custos quanto à manipulação contábil. Ribeiro et al. (2024) estudaram a relação entre agressividade tributária e assimetria dos custos em empresas listadas na B3, apontando que empresas mais agressivas tendem a apresentar níveis menores de assimetria.

Martinez e Ramalho (2017) contribuem ao evidenciar que empresas inseridas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) tendem a adotar posturas fiscais menos agressivas, em que fatores relacionados à sustentabilidade e à responsabilidade corporativa influenciam o comportamento tributário. Embora o estudo enfoque a relação entre sustentabilidade e agressividade fiscal, seus achados reforçam a relevância de considerar características contextuais e estratégicas das firmas ao analisar a agressividade fiscal, indicando que essa variável pode apresentar interações complexas com fatores operacionais e de ciclo de vida.

No cenário internacional Marques et al. (2022) tratam da relação entre o ciclo de vida e estratégias fiscais, enquanto Xu e Zhang (2018) associam práticas tributárias agressivas à assimetria dos custos. No entanto, a interação conjunta desses fatores permanece pouco explorada. Enquanto no cenário brasileiro, essa análise se torna ainda mais oportuna, dada a elevada carga tributária, os requisitos de conformidade e a crescente demanda por eficiência na gestão de custos em cada etapa do desenvolvimento empresarial (Ribeiro et al., 2024).

A presente pesquisa destaca-se por abordar de maneira integrada: a conexão entre agressividade fiscal, assimetria dos custos e as etapas do ciclo de vida organizacional, uma temática ainda pouco explorada em ambiente nacional (Naoum et al., 2023; Nkuiya, 2024; Khuong et al., 2023). Tal abordagem se mostra relevante para análise do ambiente organizacional, considerando que a assimetria no comportamento dos custos interfere diretamente nas respostas operacionais às decisões gerenciais, variações de receita e alterações estruturais, além de refletir fatores ambientais, sociais e econômicos (Richartz et al., 2014; Anderson et al., 2003).

Além disso, a compreensão dessa dinâmica fornece subsídios estratégicos à alta gestão e contribui para avaliações mais precisas de desempenho por parte dos stakeholders (Bujega et al., 2024), bem como, na compreensão de como o estágio do ciclo de vida organizacional pode influenciar decisões de controle de custos e estratégias fiscais, especialmente no contexto brasileiro de instabilidade econômica. Além disso, o comportamento dos custos influencia diretamente a lucratividade, reforçando sua importância para a saúde financeira e para o planejamento tributário ao longo dos diferentes estágios organizacionais (Naoum et al., 2023). A análise conjunta dessas variáveis contribui para o aprimoramento de práticas gerenciais mais adaptativas, apoiando a tomada de decisão estratégica e o fortalecimento da governança corporativa.

Diante disso, tem-se a seguinte questão de pesquisa: qual o efeito do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária na assimetria dos custos? Para tanto, tem-se como objetivo analisar o efeito do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária na assimetria dos custos.

Do ponto de vista social, o estudo alinha-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 8, voltado ao crescimento econômico com trabalho decente, e o ODS 16, que promove instituições responsáveis e transparentes (ONU, 2015). Ao abordar a eficiência fiscal sob uma ótica ética e sustentável, reforça a importância de sistemas contábeis voltados à accountability e à confiança dos stakeholders (Dillard & Vinnari, 2019). Complementarmente, ao tratar da eficiência na gestão de custos, a pesquisa também contribui para o ODS 12 (produção e consumo responsáveis), fortalecendo o vínculo entre contabilidade, governança e responsabilidade social corporativa (ONU, 2015).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está separado em duas seções, sendo que a primeira aborda a agressividade tributária com a assimetria dos custos e a segunda seção descreve sobre a relação entre o ciclo de vida e a assimetria dos custos, sendo que as hipóteses são sustentadas ao longo dessas seções.

2.1 Agressividade tributária e assimetria dos custos

A agressividade tributária consiste em estratégias adotadas pelas empresas para reduzir sua carga tributária por meio de planejamento fiscal detalhado, que pode ou não envolver práticas de evasão fiscal (Supriono, 2024). Dunbar et al. (2010) e Martinez e Dalfior (2015), afirmam que a taxa de imposto efetiva é base para medir a agressividade fiscal das empresas.

Embora geralmente dentro dos limites legais, essas práticas são frequentemente consideradas controversas, especialmente quando resultam em uma redução significativa da arrecadação, o que pode comprometer o financiamento de serviços essenciais e impactar negativamente as finanças públicas (Shamil et al., 2024; Supriono, 2024). Além disso, podem aumentar os riscos para as empresas, incluindo erros e fraudes nos relatórios financeiros e fiscais, afetando sua credibilidade junto a credores e investidores, elevando o custo da dívida (Rachmawati et al., 2023).

No Brasil, o sistema jurídico oferece brechas para uma postura mais agressiva, devido à morosidade dos julgamentos e à complexidade do sistema tributário (Ribeiro et al., 2024). As diferenças entre valores contábeis e tributários nas demonstrações financeiras refletem os diferentes propósitos de cada sistema: a contabilidade auxiliando nas decisões empresariais e o sistema tributário como fonte de arrecadação para o governo (Koubaa & Anis, 2015). Essa divergência está relacionada à agressividade tributária, que implica a redução de tributos por meio de planejamento, com o gestor assumindo os riscos dessa escolha (Hanlon et al., 2017; Rossito, 2022).

A estratégia de transações fiscais extremamente agressivas é crucial para as atividades financeiras das organizações (Costa et al., 2020). Martinez e Ramalho (2017) destacam que o planejamento tributário ético utiliza ferramentas legais para reduzir a carga tributária de maneira legítima e em conformidade com as normas fiscais. Além disso, Rosito (2022) complementa essa visão, acrescentando que o uso de métodos antiéticos, como práticas que violam as leis fiscais, pode resultar em sonegação ou fraude, com implicações legais severas para a empresa. Ambos os autores enfatizam a relevância da escolha entre estratégias legais e ilegais, com impactos diretos sobre a conformidade fiscal e o desempenho das empresas. A fim de complementar essa visão, Silva et al. (2020) afirmam que uma gestão eficiente das obrigações tributárias, aliada ao uso estratégico dos instrumentos fiscais, contribui para o aprimoramento do desempenho operacional e da valorização no mercado.

Além dos efeitos legais e estratégicos anteriormente discutidos, há evidências crescentes de que a agressividade tributária exerce influência direta sobre a assimetria dos custos nas organizações. A agressividade tributária das organizações brasileiras, como indicado por Ribeiro e Brugni (2020), está estritamente ligada aos custos operacionais assimétricos, de modo que a relação deve ser adequadamente investigada para uma tomada de decisão estratégica ainda mais assertiva. A abordagem fiscal agressiva pode ser estabelecida com base na natureza e na ética de uma entidade específica em termos de negócios, como Martinez e Ramalho (2017) esclareceram.

O comportamento dos custos, indica como os custos se alteram, conforme a tomada

de decisão, conforme a variação das vendas e na estrutura operacional da empresa, ao considerar influências ambientais, sociais e econômicas (Richartz et al., 2014, Anderson, Banker & Janakiraman, 2003). Esse fenômeno decorre de decisões gerenciais que buscam evitar custos de ajuste, como demissões ou a venda de ativos, especialmente em setores intensivos em capital e trabalho (Naoum et al., 2023). Além disso, conforme apontado por Charitou et al. (2023), essa assimetria pode estar relacionada à manipulação de resultados, uma vez que gestores, pressionados por metas de desempenho de curto prazo, podem inflar relatórios financeiros, especialmente em empresas com altos custos de ajuste ou grande volatilidade nos lucros futuros.

As pesquisas sobre a assimetria dos custos se intensificaram a partir das evidências encontradas no estudo de Anderson et al. (2003), em que prevaleceu a assimetria dos custos entre custos gerais, de vendas e administrativas. Para os autores, conforme o aumento das vendas acontece, o custo também se eleva, porém na queda das vendas, o custo não cai na mesma proporção. Em contextos institucionais específicos, como o da China, Shan et al. (2024) salientam que empresas estatais apresentam maior rigidez nos custos devido à intervenção governamental e à proteção do emprego.

Do mesmo modo, Silva et al. (2024) evidenciam que hospitais brasileiros, sobretudo os privados, enfrentam maior rigidez de custos devido à elevada proporção de ativos fixos, o que limita a capacidade de ajuste diante das variações nas receitas. Já os resultados de Silva et al. (2019) indicam que empresas que enfrentam quedas nas vendas, mas não conseguem reduzir seus custos na mesma proporção, podem apresentar sinais de gerenciamento de resultados ou evidências de assimetria dos custos, revelando possíveis estratégias gerenciais para suavizar os impactos financeiros negativos.

Xu e Zheng (2018) identificaram uma relação negativa entre evasão fiscal e assimetria dos custos, sugerindo que a redução da carga tributária atenua a pressão econômica sobre os gestores, especialmente em empresas com maiores obrigações fiscais. Corroborando essa evidência, estudos no contexto brasileiro (Ribeiro & Brugni, 2020; Ribeiro et al., 2024) demonstram que organizações mais agressivas do ponto de vista tributário tendem a apresentar menor assimetria dos custos. Esse efeito decorre da maior disponibilidade de caixa proporcionada pela economia fiscal, a qual permite maior flexibilidade gerencial para ajustar despesas fixas durante períodos de queda nas receitas. Assim, a agressividade tributária, ao fortalecer a liquidez, reduz a necessidade imediata de cortes e suaviza as decisões de ajuste de custos em momentos adversos.

Com base nos estudos apresentados, tem-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H1: A agressividade tributária afeta negativamente a assimetria dos custos.

A hipótese H1 indica que a assimetria dos custos é negativamente influenciado por estratégias fiscais agressivas, uma vez que a redução da carga tributária amplia a liquidez e proporciona maior flexibilidade gerencial para o ajuste de despesas, suavizando assim os efeitos da queda nas receitas.

2.2 Ciclo de vida e a assimetria dos custos

O conceito de ciclo de vida empresarial está relacionado aos comportamentos dos fluxos de caixa das organizações, esses fluxos são geralmente classificados em atividades operacionais, de investimento e de financiamento (Dickinson, 2011; Silva, 2017), refletindo diretamente nos relatórios financeiros, nos mecanismos de governança e nas decisões corporativas, pois cada estágio do ciclo traz consigo diferentes condições internas e externas (Dickinson, 2011; Medeiros & Machado, 2020).

O ciclo de vida de uma empresa é caracterizado por transformações contínuas em suas operações, estrutura de capital e estratégias, influenciando a natureza e o impacto dos acréscimos discricionários (Michalkova, 2021; Roma et al., 2020). Segundo Sereno (2020), esse ciclo compreende os diversos estágios que as organizações percorrem desde a sua criação até a extinção. Cada uma dessas etapas possui atributos distintos, com destaque para os estágios de crescimento, maturidade e declínio (Lima et al., 2015).

De acordo com Souza e Moraes (2019), as escolhas contábeis realizadas pelos gestores também são impactadas por esses estágios, uma vez que cada estágio da vida organizacional influencia a estrutura, a estratégia e os processos decisórios. Tais desafios são normalmente enfrentados por meio de soluções estruturais e gerenciais específicas (Souza et al., 2008). Dickinson (2011) propõe cinco estágios no ciclo de vida organizacional: nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio. Contudo, Faff et al. (2016) ressaltam que poucas empresas se enquadram nos estágios de nascimento e turbulência, como sintetizado na Tabela 1.

Tabela 1

Estágios do ciclo de vida organizacional

Estágios do ciclo de vida organizacional	Conceito	Autores
Crescimento	O estágio crescimento, em que o número de funcionários aumenta; tamanho médio;	Dickinson, (2011); Lima et al. (2015), Souza et al 2008; Silveira et al. (2023); Martinez; Bassetti, 2016; Khuong & Anh, 2023; Hassan et al. (2023)
Maturidade	Estágio de maturidade, em que o número de funcionários atinge o máximo; consolidação no mercado;	Dickinson, (2011); Lima et al. (2015), Souza et al 2008; Silveira et al. (2023); Martinez; Bassetti, 2016; Khuong & Anh, 2023; Hassan et al. (2023)
Declínio	Estágio de declínio, em que há essencialmente zero; estrutura burocrática; crescimento baixo, corte de preços.	Dickinson, (2011); Lima et al. (2015), Souza et al 2008; Silveira et al. (2023); Martinez; Bassetti, 2016; Khuong & Anh, 2023; Hassan et al. (2023)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Segundo Lima et al. (2015), empresas em estágio de crescimento carecem de informações significativas e suficientes sobre o mercado e o processo produtivo. Neste estágio, a organização aprimora sua compreensão sobre suas operações e fluxos operacionais, o que se reflete em sua expansão no mercado (Dickinson, 2011; Lima et al., 2015). Além disso, as empresas intensificam os investimentos e a aquisição de ativos, o que favorece a geração de economias de escala e uma gestão mais eficiente dos custos (Lima et al., 2015). Essa expansão, associada à capacidade de adaptação às mudanças do mercado, contribui para o surgimento de assimetria dos custos, no qual os custos crescem em ritmo inferior ao das receitas devido ao ganho de eficiência operacional (Silveira et al., 2023).

Observa-se que o estágio de crescimento em sua relação com a assimetria dos custos afeta de forma significativa, positiva (Silveira et al., 2023; Hassan et al., 2023; Lima et al., 2015), com base nisso, tem-se a hipótese 2 deste estudo:

H2: As empresas no estágio de crescimento afetam positivamente a assimetria dos custos.

No estágio de maturidade, as empresas apresentam estabilidade nos fluxos de caixa operacionais e uma redução nos investimentos, refletindo um ambiente consolidado e menos

dinâmico (Martinez & Bassetti, 2016; Dickinson, 2011). De acordo com Martinez e Bassetti (2016), esse estágio é marcado por uma estrutura organizacional mais burocrática e a desaceleração do crescimento nas vendas. Como consequência, empresas maduras enfrentam desafios para manter seus níveis de qualidade, o que, segundo Sereno (2022), pode ocasionar o aumento dos custos fixos e a redução da flexibilidade para ajustar os custos variáveis. Além disso, Durana et al. (2021) observam que empresas maduras costumam apresentar queda nos lucros contábeis, como reflexo da dificuldade de ajustar a estrutura de custos diante da rigidez operacional.

Essas características do estágio de maturidade influenciam diretamente a forma como os custos reagem de maneira desigual às variações da receita. Pois a rigidez estrutural e a limitação da flexibilidade operacional dificultam a redução das despesas em períodos de retração econômica, o que atenua ou até elimina a assimetria normalmente observada (Sereno, 2022).

Nesse sentido, Durana et al. (2021) reforçam que os custos tendem a permanecer elevados mesmo diante da queda nas receitas, evidenciando uma assimetria negativa ou inexistente. Colaborando com os estudos de Dickinson (2011) e Martinez e Bassetti (2016) ao indicarem que empresas maduras têm uma estrutura de custos com baixa elasticidade. Diante desse contexto, formula-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H3: As empresas no estágio de maturidade afetam negativamente a assimetria dos custos.

O estágio de declínio é marcado pela dificuldade financeira, o fluxo de caixa negativo e necessidades de liquidar ativos (Souza et al., 2008; Dickinson, 2011). O que leva as empresas a manipularem os lucros baixos, realizando tal manobra para reduzir custos (Durana et al. 2021)). Além disso, os custos operacionais podem apresentar um crescimento desproporcional frente às receitas, caracterizando a assimetria dos custos, situação em que os custos não acompanham proporcionalmente a queda das receitas, culminando em margens negativas e risco de insolvência (Roma et al., 2021).

De acordo com Khuong e Anh (2023) durante o estágio de declínio, as empresas podem optar por diminuir os investimentos em RSC visando reduzir os custos e garantir sua sobrevivência financeira. No entanto, algumas empresas, especialmente as de maior porte, podem optar por aumentar os investimentos em RSC como forma de reverter sua imagem pública e atrair novos investidores, mesmo em tempos difíceis. O estudo também destaca que a relação entre o valor da empresa e a RSC se torna mais complexa neste estágio, indicando que as estratégias de recuperação podem variar consideravelmente entre empresas em declínio. Perante o exposto, tem-se a hipótese H4 de pesquisa:

H4: As empresas no estágio de declínio afetam negativamente a assimetria dos custos.

Nos estágios de maturidade e declínio, observa-se uma tendência das empresas em intensificar a adoção de estratégias de gestão fiscal, com o objetivo de maximizar os benefícios tributários disponíveis (Martinez & Bassetti, 2016). Entre essas práticas, destacam-se a depreciação acelerada e a provisão para contingências, as quais ampliam a diferença entre lucro contábil e lucro fiscal, que distorce a relação entre receitas e custos, tornando os resultados financeiros menos transparentes. Conforme apontado por Rosito (2022), tais práticas são comumente utilizadas para melhorar indicadores financeiros e reduzir a carga tributária, contribuindo, assim, para o aumento da assimetria dos custos, situação em que os custos não se ajustam proporcionalmente às variações na receita.

Nesse contexto, Ribeiro et al. (2024) identificam que empresas com condutas fiscais mais agressivas demonstram maior capacidade de ajustar seus custos em cenários de queda na receita, permitindo minimizar os impactos financeiros e tributários. No entanto, esse comportamento pode gerar percepções distorcidas sobre a real performance da organização. Rachmawati et al. (2023) evidenciam que esse tipo de planejamento fiscal interfere também no custo da dívida, sugerindo efeitos que extrapolam o âmbito fiscal e afetam diretamente a estrutura financeira.

Além disso, Charitou et al., 2023 alertam que a volatilidade dos custos pode ser interpretada como sinal de má conduta financeira, frequentemente associada à manipulação de resultados. De modo similar, Hassan et al. (2023) explicam que, durante o estágio de maturidade, há uma tendência à preservação de riqueza, o que reduz a propensão à manipulação de resultados. Por outro lado, nos estágios de declínio, a pressão por manter a rentabilidade pode intensificar a utilização de práticas de gestão de resultados, inclusive por meio de ajustes fiscais que aprofundam a assimetria dos custos.

Em contrapartida, durante o estágio de crescimento, a atenção das empresas se volta prioritariamente à expansão e ao aumento de participação de mercado, o que reduz o foco em estratégias fiscais agressivas (Dickinson, 2011). Ainda que existam assimetrias em setores com alta intensidade de capital e mão de obra, como observam Naoum et al. (2023), essas não se relacionam necessariamente à agressividade fiscal. Em contextos institucionais específicos, como na China, Shan et al. (2024) identificam que empresas em estágio de crescimento podem apresentar assimetrias influenciadas por fatores externos, como propriedade estatal e políticas de emprego, e não por práticas de gestão tributária.

Adicionalmente, Martinez e Ramalho (2017) demonstram que há uma associação entre a agressividade fiscal e a capacidade de manutenção da lucratividade ao longo do ciclo de vida. Empresas mais agressivas tendem a sustentar seus lucros mesmo ao ingressarem no estágio de crescimento. Supriono (2024) destaca que empresas com maior liquidez fazem uso estratégico de seus ativos líquidos para fins de planejamento tributário, reforçando comportamentos fiscalmente agressivos, sugerindo que a assimetria dos custos pode ser compreendida como resultado da interação entre o estágio do ciclo de vida organizacional e a postura fiscal adotada pela empresa.

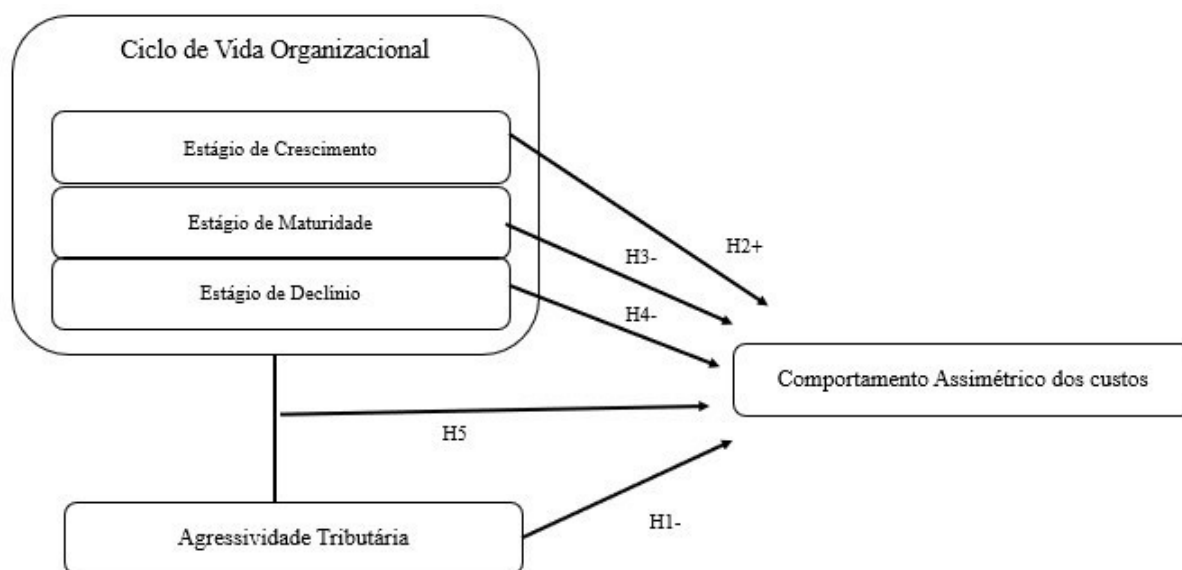
Diante desse contexto, tem-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H5: A interação entre os estágios do ciclo de vida organizacional e o nível de agressividade fiscal influencia significativamente a assimetria dos custos.

O modelo teórico de análise desta pesquisa está representado por meio da Figura 1.

Figura 1

Modelo teórico de análise da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 1 apresenta o modelo teórico de análise da pesquisa, evidenciando as relações entre o ciclo de vida organizacional, a agressividade tributária e a assimetria dos custos. O modelo propõe que diferentes estágios do ciclo de vida, crescimento, maturidade e declínio, influenciam de formas distintas o comportamento dos custos, além de considerar que a agressividade tributária exerce um impacto negativo direto nesse comportamento. Além disso, se destaca a hipótese de que a interação entre o estágio de vida organizacional e o nível de agressividade tributária afeta significativamente essa assimetria nos custos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, a metodologia se caracteriza como descritiva, quanto ao seu objetivo, documental quanto aos procedimentos e quanto à abordagem do problema quantitativa. Dessa forma, com o intuito de verificar o efeito modulador do ciclo de vida organizacional na relação entre a agressividade tributária e a assimetria dos custos em empresas listadas no Brasil, Bolsa, Balcão (B3).

A população desta pesquisa são as empresas brasileiras de capital aberto listadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) disponíveis na base de dados *Refinitiv Eikon*®, pertencentes a todos os setores, com exceção das instituições financeiras, por possuírem regulamentações específicas e terem uma estrutura operacional diferente das empresas não-financeiras. Na sequência, foram excluídas todas as empresas que não apresentaram movimentação em pelo menos um ano do período de análise para as contas de Custo do Produto Vendido (CR), Receita Líquida de Venda (RLV) e Despesa de Venda e Administrativa (SGA).

A Tabela 2 apresenta o *constructo* da pesquisa, composto pelas variáveis investigadas, sua operacionalização, os autores que utilizaram essas métricas e a fonte de obtenção.

Conforme demonstrado no Tabela 2, a assimetria dos custos foi analisado com base nas contas de custo do produto vendido (CPV), despesas de venda, gerais e administrativas (DVGA) e custo total (CT), sendo a soma do CPV e DVGA. As despesas financeiras não foram consideradas, pois estas não possuem relação direta com o volume de produção (Richartz & Borgert, 2021). Os valores das contas do CPV, DVGA e RLV foram obtidos através da base de dados da *Refinitiv*. Com relação à variável independente ETR, os valores

de despesas de tributos e resultados antes dos tributos também foram coletados através da base de dados da *Refinitiv*.

Tabela 2

Constructo da pesquisa

Variável	Descrição	Embasamento Teórico
Variável Dependente – Assimetria dos Custos		
logCPV	Logaritmo da variação do CPV em relação ao ano imediatamente anterior (t/t-1).	Ibrahim (2018)
logDVGA	Logaritmo da variação da DVGA em relação ao ano imediatamente anterior (t/t-1).	Anderson <i>et al.</i> (2003)
logCT	Logaritmo da variação do CT em relação ao ano imediatamente anterior (t/t-1).	Calleja <i>et al.</i> (2006)
Variável independente – Agressividade Tributária		
logRLV	Logaritmo da variação da RLV em relação ao ano imediatamente anterior (t/t-1).	Anderson <i>et al.</i> (2003)
dRLV	Variável dicotômica da diminuição da RLV.	Anderson <i>et al.</i> (2003)
ETR	Taxa efetiva de tributos (<i>Effective tax rate – ETR</i>). <u>Despesas de tributos</u> Lucro antes dos tributos	Rakia <i>et al.</i> (2024)
Variável moderadora e independente – Ciclo de Vida Organizacional		
FCO	Fluxo de Caixa Operacional	Dickinson (2011); Faff <i>et al.</i> , (2016);
FCI	Fluxo de Caixa Investimento	Dickinson (2011); Faff <i>et al.</i> , (2016);
FCF	Fluxo de Caixa Financiamento	Dickinson (2011); Faff <i>et al.</i> , (2016);

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 3 apresenta a definição do ciclo de vida operacional.

Tabela 3

Estágios do ciclo de vida a partir dos componentes dos fluxos de caixa

	Crescimento		Maturidade	Declínio			
Operacional	-	+	+	-	+	+	-
Investimento	-	-	-	-	+	+	+
Financiamento	+	+	-	-	+	-	-

Fonte: Adaptado de Dickinson (2011).

Foram considerados apenas três dos cinco estágios de vida propostos por Dickinson (2011) devido às pesquisas anteriores indicarem um baixo número de empresas que se enquadram nos estágios de nascimento e turbulência (Faff *et al.*, 2016). Estas pesquisas indicaram concentração de empresas nos demais estágios dos ciclos de vida. Por este motivo, o estágio da introdução foi agrupado com o crescimento e o estágio de turbulência foi agrupado com o declínio.

Com o intuito de identificar o efeito do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária sobre a assimetria dos custos, foi utilizado na amostra analisada

estatística descritiva em painel desbalanceado através do *software Stata*® 14.0. Com relação aos pressupostos da regressão, ressalta-se que a utilização de erro padrão robusto minimizou problemas de heterocedasticidade. A multicolinearidade foi testada pelo teste *variance inflator factor* (VIF), a autocorrelação dos resíduos foi testada pelo teste de *Durbin Watson*.

Os procedimentos de análise dos dados neste estudo foram realizados através do *software Stata*®. Inicialmente foram realizadas a estatística descritiva e matriz de correlação das variáveis utilizadas nas regressões.

Para a análise do efeito da agressividade tributária na assimetria dos custos, conforme delineado na Hipótese 1, foram operacionalizadas as regressões de acordo com a Equação 1. Ressalta-se que, para todas as relações, as regressões foram operacionalizadas de forma separada para o CR, SGA e CT.

Equação 1

$$\begin{aligned} \log Custos_{i,t} &= 0 + 1\log RLV_{i,t} + dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} + 2dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} \\ &+ 3dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} * ETR_{i,t} + 4dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} * PFCi_{i,t} \\ &+ 5dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} * ETR_{i,t} * FCO_{i,t} + 6dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} * ETR_{i,t} * FCI_{i,t} \\ &+ 7dRLV_{i,t} * \log RLV_{i,t-1} * ETR_{i,t} * FCF_{i,t} + \varepsilon_{i,t} \end{aligned}$$

Onde:

Custos = Equivale às diferentes variáveis dependentes do estudo (CPV, SGA e CT); CR = Custo dos produtos vendidos;

SGA= Despesas de venda, gerais e administrativas; CT = Custo total;

RLV = Receita líquida de vendas;

dRLV = Variável dicotômica de diminuição da

RLV; ETR = Agressividade tributária;

FCO = Fluxo de caixa operacional;

FCI = Fluxo de caixa investimento;

FCF = Fluxo de caixa financiamento;

ε = Erro da regressão.

O modelo de Anderson et al. (2003) consiste em capturar as variações nos custos para cada 1% de variação na RLV. Utiliza-se a RLV como aproximação do volume de produção das empresas. A variável dicotômica assume o valor de 1 quando a RLV da empresa *i* no período *t* for menor que a RLV do período *t-1* e, 0 (zero), caso contrário.

Quando os custos apresentarem um aumento em relação ao aumento de 1% na RLV maior do que uma redução dos custos em relação à redução de 1% na RLV, apresenta-se a assimetria dos custos. Nesse caso, o coeficiente β_1 é maior do que a soma dos coeficientes β_1 e do β_3 ($\beta_1 > \beta_1 + \beta_3$). Assim, a assimetria dos custos pode ser identificado pelo sinal negativo do coeficiente β_3 .

Por outro lado, quando a redução nos custos em relação à redução de 1% na RLV for maior do que o aumento dos custos em relação ao aumento de 1% na RLV, demonstra-se a assimetria dos custos. Assim, a soma dos coeficientes β_1 e do β_3 é maior do que o coeficiente β_1 ($\beta_1 + \beta_3 > \beta_1$). Dessa maneira, a assimetria dos custos pode ser identificado pelo sinal positivo do coeficiente β_3 .

Após a operacionalização dos modelos de regressão, foram realizados testes de normalidade, multicolinearidade e autocorrelação dos resíduos, com o objetivo de validar os resultados dos modelos. Para a análise do problema de multicolinearidade foi realizado o teste *Variance*

Inflation Factor (VIF).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos dados da presente pesquisa inicia-se a partir da apresentação dos elementos descritivos por indústria que compõem os dados os quais foram coletados. Os dados foram analisados de 2019 a 2023, divididos em vários setores, que totalizaram uma amostra com 1.164 observações. Desta forma, a Tabela 4 apresenta a amostra delimitada por ano e setor.

Tabela 4

Amostra da pesquisa por ano e setor

Setor	2018	2019	2020	2021	2022	2023	Total
Serviço de Comunicação	14	15	15	15	15	15	89
Consumo Discricionário	67	68	69	69	69	69	411
Consumo Básico	23	24	24	24	24	24	143
Energia	8	8	8	8	8	8	48
Industriais	53	54	54	54	54	48	323
Tecnologia da Informação	10	10	10	10	10	10	60
Materiais	26	26	26	26	26	26	156
Imobiliário	19	19	19	19	19	19	114
Serviço Público	34	34	35	35	35	35	208
Total	254	258	260	260	260	260	1552

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Conforme observado na Tabela 4, os setores mais representativos em número de observações são Consumo Discricionário (411), Industriais (323), Serviço Público (208), Materiais (156) e Consumo Básico (143), indicando maior presença desses segmentos na base de dados analisada. Por outro lado, setores como Energia (48), Tecnologia da Informação (60) e Serviço de Comunicação (89) apresentam menor representatividade, embora com registros consistentes ao longo dos anos.

A distribuição anual mostra estabilidade a partir de 2020, com um total constante de 260 observações por ano até 2023, após um crescimento gradual entre 2018 e 2020. Enquanto setores como Consumo Discricionário e Industriais mantêm volume elevado e regular de registros, outros, como Tecnologia da Informação e Energia, apresentam estabilidade em níveis mais baixos. Quanto aos setores considerados sensíveis, Materiais, Industriais, Energia e Serviços Públicos, observa-se um total de 735 observações, o que reforça sua importância dentro da amostra para a análise do ciclo de vida organizacional e agressividade tributária na assimetria dos custos.

Na Tabela 5 é apresentada a estatística descritiva dos dados, a descrição está posta a partir das Observações, Média, Desvio padrão, Mínimo e Máximo, que constituem a base deste estudo.

Tabela 5

Estatística descritiva

Variáveis	Observações	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
CPV	1552	0,018	1,296	-11,642	9,613
DVGA	1552	0,013	1,103	-8,579	6,177
CT	1552	0,030	1,241	-9,375	10,055
RLV	1552	0,017	1,177	-9,923	8,306
ETR	1552	0,156	0,192	0	1
CRESCI	1552	0,063	0,244	0	1
MATUR	1552	0,085	0,279	0	1
DECLI	1552	0,245	0,430	0	1

*** $p < .01$, ** $p < .05$, * $p < .1$

CR=Custo dos produtos vendidos; SGA=Despesas de venda, gerais e administrativas; CT=Custo total; RLV=Receita líquida de vendas; ETR=Agressividade tributária; CRESC=Crescimento; MATUR=Maturidade; DECLI=Declínio

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2024).

A Tabela 5 apresenta a estatística descritiva das variáveis utilizadas no estudo, evidenciando uma amostra composta por 1.552 observações. As variáveis Custo dos Produtos Vendidos (CPV), Despesas de Vendas, Gerais e Administrativas (DVGA), Custo Total (CT) e Receita Líquida de Vendas (RLV) possuem médias próximas de zero, mas exibem altos desvios-padrão (acima de 1), o que indica elevada dispersão e heterogeneidade entre as empresas analisadas. A presença de valores extremos, tanto negativos quanto positivos, sugere variações significativas na performance operacional, reforçando a necessidade de abordagens estatísticas robustas nos modelos econométricos subsequentes.

No que se refere às variáveis categóricas associadas ao ciclo de vida organizacional, observa-se predominância de empresas em fase de declínio (média de 0,245), seguidas pelas fases de maturidade (0,085) e crescimento (0,063). Já a variável ETR (Agressividade Tributária) apresenta média de 0,156, indicando que cerca de 15,6% das observações apresentam estratégias fiscais mais agressivas refletindo um perfil amostral composto, majoritariamente, por empresas em estágios mais avançados e conservadores, o que pode influenciar tanto suas práticas contábeis quanto decisões estratégicas ligadas a sustentabilidade e governança corporativa.

A Tabela 6 apresenta a matriz de correlação entre as variáveis do estudo, destacando as relações lineares e os níveis de significância estatística.

Tabela 6

Matriz de correlação

	CR	SGA	CT	RLV	D-RLV	ETR	CRESC	MATUR	DECLI
CR	1,00								
SGA	0,801 ***	1,00							
CT	0,765 ***	0,677 ***	1,00						
RLV	0,725 ***	0,749 ***	0,600 ***	1,00					
D-RLV	-0,318 ***	-0,356 ***	-0,289 ***	-0,511 ***	1,00				
ETR	0,040	0,037	0,039	0,058	-0,09 ***	1,00			
CRESC	0,004	0,014	-0,014	-0,015	-0,003	-0,027	1,00		
MATUR	0,026	0,017	-0,000	0,044	-0,033	0,034	-0,079 ***	1,00	
DECLI	0,060	0,061	0,048	0,044	-0,011	0,029	-0,148 ***	-0,173 ***	1,00

*** $p < .01$, ** $p < .05$, * $p < .1$

CR=Custo dos produtos vendidos; SGA=Despesas de venda, gerais e administrativas; CT=Custo total; RLV=Receita líquida de vendas; ETR=Agressividade tributária; CRESC=Crescimento; MATUR=Maturidade; DECLI=Declínio

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2024).

A análise da Tabela 6 revela correlações estatisticamente significativas entre as variáveis operacionais. O Custo dos Produtos Vendidos apresenta forte correlação positiva com as Despesas de Vendas, Gerais e Administrativas ($r = 0,801$; $p < 0,01$) e com o Custo Total ($r = 0,765$; $p < 0,01$), sugerindo que variações nos custos diretos acompanham proporcionalmente as demais despesas operacionais. A Receita Líquida de Vendas (RLV)

também se correlaciona positivamente com essas variáveis (especialmente com SGA, $r = 0,749$; $p < 0,01$), indicando que o aumento de receita está alinhado ao crescimento dos custos e despesas, o que pode refletir economias de escala limitadas no período analisado.

Em contrapartida, a variável D-RLV (diferença anual da receita) apresenta correlação negativa significativa com todas as variáveis operacionais, especialmente com a própria RLV ($r = -0,511$; $p < 0,01$), sugerindo que variações bruscas na receita estão associadas à redução proporcional dos componentes de custo e despesa. No tocante às variáveis associadas ao ciclo de vida empresarial, observa-se que Declínio (DECLI) possui correlação negativa com Crescimento ($r = -0,148$; $p < 0,01$) e com Maturidade ($r = -0,173$; $p < 0,01$), confirmando a consistência interna entre os estágios de desenvolvimento corporativo. A Agressividade Tributária mostra correlações fracas e, em geral, não significativas, exceto em relação negativa com D-RLV ($r = -0,090$; $p < 0,01$), indicando que empresas mais agressivas em termos fiscais podem ter maior instabilidade de receita. Esses achados fornecem suporte para modelagens futuras, ao evidenciar vínculos operacionais e estruturais consistentes na amostra analisada.

A Tabela 7 apresenta os resultados da regressão múltipla, explorando a relação entre variáveis do ciclo de vida e indicadores financeiros.

A Tabela 7 apresenta os resultados das regressões múltiplas, evidenciando que a variável Receita Líquida de Vendas (RLV) possui coeficientes positivos e estatisticamente significativos em todas as hipóteses testadas ($p < 0,01$), com destaque para os altos valores de t , especialmente nas hipóteses H1 e H5, demonstrando que variações na receita exercem forte influência sobre os custos, independentemente do estágio do ciclo de vida ou da presença de variáveis moderadoras. A variável D_RLV, que representa a queda da receita, mostrou significância em H1, H4 e H5, sugerindo que, em determinados contextos, as empresas apresentam assimetria dos custos ao enfrentar redução nas vendas.

Tabela 7

Relação entre variáveis do Ciclo de Vida Organizacional e Indicadores Financeiros

	H1		H2		H3		H4		H5	
Variáveis	Coef	t	Coef	t	coef	T	coef	t	Coef	t
RLV	0,839 ***	17,88	0,632 ***	4,37	0,739 ***	3,46	0,861 ***	10,55	0,838 ***	17,98
D_RLV	0,197 ***	3,05	0,014	0,12	0,100	0,48	0,282 ***	2,59	0,195 **	2,00
ETR	0,018	0,17							0,083	0,68
CRESC									0,103*	1,66
MATUR									-0,008	-0,08
DECLI									0,083	1,18
Contante	-0,066 *	-1,94	0,069	1,00	-0,038	-0,56	- 0,03	-0,68	-0,098	0,68
Prob>F	0,000		0,000		0,000		0,000		0,000	
R ²	0,530		0,385		0,450		0,622		0,5321	
VIF	1,24		1,61		1,33		1,28		1,74	
DW	2,115		0,222		0,447		1,003		2,111	
Obs.	1552		99		132		381		1552	

*** $p < 0,01$, ** $p < 0,05$, * $p < 0,1$

CR=Custo dos produtos vendidos; SGA=Despesas de venda, gerais e administrativas; CT=Custo total;

RLV=Receita líquida de vendas; ETR=Agressividade tributária; CRESC=Crescimento;

MATUR=Maturidade; DECLI=Declínio

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2024).

No que se refere às variáveis relacionadas ao ciclo de vida organizacional, CRESC (crescimento) apresentou significância marginal ($p < 0,1$), enquanto MATUR (maturidade) e

DECLI (declínio) não foram estatisticamente significativas na hipótese H5. A variável ETR (agressividade tributária) também não apresentou significância em nenhuma das regressões em que foi incluída. Os modelos apresentaram coeficientes de determinação (R^2) satisfatórios, variando de 0,385 a 0,622, sendo o maior valor registrado na hipótese H4, o que sugere melhor capacidade explicativa nesse contexto. Os testes de VIF indicam ausência de multicolinearidade, e os valores de Durbin-Watson próximos de 2 reforçam a ausência de autocorrelação dos resíduos.

4.1 Discussão dos resultados

Os resultados deste estudo revelam que a relação entre a assimetria dos custos, o ciclo de vida organizacional e a agressividade tributária é mais complexa e seletiva do que inicialmente previsto. De forma geral, observou-se que apenas o estágio de declínio (H4) apresentou influência significativa na assimetria dos custos, enquanto as demais hipóteses não foram confirmadas, embora algumas apresentem tendências teóricas consistentes.

A hipótese H1, que propunha que a agressividade tributária afetaria negativamente a assimetria dos custos, foi rejeitada. A variável ETR, utilizada como proxy de agressividade fiscal, não apresentou significância estatística nos modelos estimados. Essa ausência de efeito reforça a limitação já discutida na literatura quanto à capacidade da ETR de capturar práticas complexas de planejamento tributário (Dyreng, Hanlon & Maydew, 2008). Além disso, o contexto brasileiro, marcado por elevada morosidade nos julgamentos, múltiplas instâncias jurídicas e alta complexidade do sistema tributário, pode permitir maior margem para posturas fiscalmente agressivas, sem que isso se traduza em impactos diretos sobre os custos operacionais, como apontam Ribeiro et al. (2024). Esses achados contrastam com os resultados de Xu e Zheng (2018), que identificaram relação negativa entre evasão fiscal e rigidez de custos em empresas chinesas, o que evidencia a importância do ambiente institucional nas análises comparativas.

No que se refere à hipótese H2, referente ao estágio de crescimento, os dados também não sustentaram sua confirmação. Embora a literatura aponte que empresas em crescimento tendem a experimentar maior assimetria nos custos (Dickinson, 2011), os resultados do presente estudo sugerem que esse estágio pode não gerar a assimetria dos custos relevante. Tal resultado está em consonância com Hassan et al. (2023), ao argumentar que empresas em expansão concentram seus esforços na geração de receitas e no ganho de escala, e não necessariamente na eficiência dos custos, o que reduz a visibilidade de rigidez ou flexibilidade no curto prazo.

A hipótese H3, por sua vez, relacionada ao estágio de maturidade, apresentou sinais estatísticos coerentes com a teoria, embora sem significância robusta em todos os modelos. Empresas maduras, conforme defendido por Dickinson (2011) e Martinez e Bassetti (2016), costumam operar sob estruturas organizacionais mais burocráticas e rígidas, com menor capacidade de ajustes dinâmicos nos custos diante de variações nas receitas. Assim, ainda que os dados não tenham confirmado totalmente a hipótese, observou-se uma tendência de menor assimetria, o que se alinha à teoria do ciclo de vida organizacional.

A hipótese H4 foi claramente confirmada, revelando que empresas em estágio de declínio apresentam maior rigidez nos custos diante de quedas na receita. A significância estatística observada, combinada ao maior coeficiente de determinação entre os modelos, sustenta que essas organizações enfrentam limitações financeiras, operacionais e estruturais que dificultam a adequação dos custos ao ambiente econômico. Esses resultados reforçam os achados de Souza et al. (2008), que identificam vulnerabilidades operacionais nesse

estágio, e se alinham ao modelo de Anderson, Banker e Janakiraman (2003), que atribui a rigidez de custos às decisões gerenciais em contextos de incerteza e mudança organizacional.

Por fim, a hipótese H5, que testava os efeitos moderadores da agressividade tributária nos diferentes estágios do ciclo de vida, também foi rejeitada. As interações entre as variáveis não se mostraram significativas, o que sugere que os efeitos do ciclo de vida sobre a assimetria dos custos não são significativamente modulados por práticas fiscais. Esse resultado é consistente com Weiss (2010), que ressalta as limitações de modelos lineares em captar relações organizacionais complexas, e reforça a ideia de que a rigidez de custos está mais associada às características internas da empresa do que a fatores fiscais.

Em síntese, os achados indicam que a assimetria dos custos em empresas brasileiras listadas na B3 é fortemente determinado pelo estágio de declínio no ciclo de vida organizacional, enquanto os efeitos da agressividade tributária e dos demais estágios são limitados ou nulos. Para a prática gerencial, isso implica que empresas em declínio devem desenvolver mecanismos que ampliem a flexibilidade operacional e que reduzam sua exposição a estruturas de custo rígidas. Além disso, a dependência de estratégias de planejamento fiscal agressivo deve ser revista, não apenas pela ausência de impacto operacional detectado, mas também pelos potenciais riscos reputacionais e jurídicos associados, conforme discutido por Ribeiro et al. (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos do ciclo de vida organizacional e da agressividade tributária sobre a assimetria dos custos em empresas brasileiras de capital aberto. Utilizando uma amostra de 1.552 observações no período de 2018 a 2023 e modelos de regressão em painel desbalanceado, os resultados ofereceram evidências empíricas relevantes e revelaram nuances importantes sobre as decisões gerenciais relacionadas à estrutura de custos.

Dentre as cinco hipóteses testadas, apenas a hipótese referente ao estágio de declínio (H4) foi confirmada, demonstrando que empresas neste estágio apresentam maior rigidez na redução de custos diante da queda na receita. Esse resultado está em consonância com o modelo teórico de Anderson, Banker e Janakiraman (2003), segundo o qual a assimetria dos custos reflete escolhas gerenciais condicionadas por fatores estruturais e contextuais, como dificuldades financeiras, baixa flexibilidade operacional e estruturas burocráticas. Por outro lado, os estágios de crescimento e maturidade (H2 e H3) não apresentaram influência estatisticamente significativa, embora a maturidade tenha indicado sinais de menor adaptabilidade, conforme sugerido por Dickinson (2011) e Martinez e Bassetti (2016), reforçando a ideia de que o ciclo de vida impacta a capacidade de ajuste das organizações.

Em relação à agressividade tributária (H1 e H5), medida pela *Effective Tax Rate* (ETR), os resultados não indicaram significância estatística, sugerindo que, no contexto brasileiro, esse tipo de estratégia fiscal não exerce influência direta ou moderadora sobre a assimetria dos custos. Essa ausência de efeito empírico pode estar relacionada às limitações da ETR como proxy única, conforme discutido por Dyreng, Hanlon e Maydew (2008), bem como à complexidade do sistema tributário brasileiro, que permite brechas legais e elevada morosidade nos julgamentos (Ribeiro et al., 2024), dificultando a captura objetiva de comportamentos agressivos.

A principal contribuição teórica deste estudo consiste na integração de três dimensões analíticas, ciclo de vida organizacional, agressividade fiscal e assimetria dos custos, até então pouco exploradas de forma conjunta, especialmente no contexto nacional. Os resultados sugerem que o estágio organizacional exerce papel central na rigidez de

custos, o que tem implicações diretas para a formulação de estratégias gerenciais. Empresas em maturidade e declínio devem considerar políticas que aumentem a flexibilidade operacional e reduzam a rigidez estrutural, sobretudo em momentos de retração de receita. Além disso, os achados alertam para a limitação do uso exclusivo de métricas fiscais simplificadas, como a ETR, no entendimento das interações entre práticas tributárias e desempenho operacional.

Sob a perspectiva social, os resultados dialogam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), o ODS 12 (produção e consumo responsáveis) e o ODS 16 (instituições eficazes e transparentes), ao reforçarem a importância de práticas contábeis éticas, eficientes e alinhadas à governança corporativa. Ao promover uma abordagem mais consciente sobre os impactos de estratégias fiscais e de estrutura de custos, este estudo contribui para a construção de ambientes empresariais mais sustentáveis e resilientes, com potencial de impacto positivo sobre a alocação de recursos e a confiança dos *stakeholders*.

Por fim, entre as limitações, destaca-se o uso exclusivo da ETR como indicador de agressividade tributária, o que pode restringir a amplitude analítica do fenômeno. Sugere-se, para pesquisas futuras, a inclusão de variáveis complementares, como *book-tax differences*, conciliações fiscais e medidas de planejamento tributário. Adicionalmente, comparações com dados de outros países de economia emergente, com ambiente corporativo semelhante ao do Brasil, podem enriquecer a compreensão sobre a influência do ambiente institucional e regulatório na relação entre práticas fiscais e estrutura de custos, contribuindo para maior robustez e generalização dos resultados.

6. REFERÊNCIAS

- Alkurdi, A., & Mardini, G. H. (2020). The impact of ownership structure and the board of directors' composition on tax avoidance strategies: Empirical evidence from Jordan. *Journal of Financial Reporting and Accounting*, 18(4), 795–812. <https://doi.org/10.1108/JFRA-01-2020-0001>
- Anderson, M. C., Banker, R. D., & Janakiraman, S. N. (2003). Are selling, general, and administrative costs “sticky”? *Journal of Accounting Research*, 41(1), 47–63. <https://doi.org/10.1111/1475-679X.00095>
- Brunozi Júnior, A. C. Os efeitos das book-tax-differences anormais na qualidade dos resultados contábeis em empresas de capital aberto listadas no Brasil. 2016. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6007>
- Calleja, K., Steliaros, M., & Thomas, D. C. (2006). A note on cost stickiness: Some international comparisons. *Management Accounting Research*, 17(2), 127–140. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2006.02.001>
- Charitou, A., Ntounis, D., & Vlismas, O. (2023). Exploring the predictive ability of asymmetric cost behavior on AAERs. SSRN. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4664489>
- Da Costa, E. R., Da Cruz, P. B., & Nossa, S. N. (2020). A influência das IFRS na assimetria dos custos das empresas brasileiras listadas na B3. *Revista Mineira de Contabilidade*, 21(3), 37–50. <https://doi.org/10.51320/rmc.v21i3.1142>
- De Melo, J. A. S., Wencel, S. L. S. S., Marques, K. C. M., & Abbas, K. (2022). Comportamento assimétrico de custos na análise de concorrentes: Estudo por meio de informações públicas. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 19(52), 95–111. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2022.e83004>
- Dickinson, V. (2011). Cash flow patterns as a proxy for firm life cycle. *The Accounting Review*, 86(6), 1969–1994. <https://doi.org/10.2308/accr-10130>

- Durana, P., Michalkova, L., Privara, A., Marousek, J., & Tumpach, M. (2021). Does the life cycle affect earnings management and bankruptcy? *O economia Copernicana*, 12(2), 425–461. <https://doi.org/10.24136/oc.2021.015>
- Dunbar, A., Higgins, D. M., Phillips, J. D., & Plesko, G. A. (2010). What do measures of tax aggressiveness measure? *Proceedings. Annual Conference on Taxation and Minutes of the Annual Meeting of the National Tax Association*, 103(1), 18–26. <https://ntanet.org/wp-content/uploads/proceedings/2010/003-dunbar-what-do-measures-2010-nta-proceedings.pdf>
- Dyreng, S. D., Hanlon, M., & Maydew, E. L. (2008). Long-run corporate tax avoidance. *The Accounting Review*, 83(1), 61–82. <https://doi.org/10.2308/accr.2008.83.1.61>
- Faff, R., Kwok, W. C., Podolski, E. J., & Wong, G. (2016). Do corporate policies follow a life-cycle? *Journal of Banking & Finance*, 69, 95–107. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2016.04.009>
- Hanlon, M., Maydew, E. L., & Saavedra, D. (2017). The taxman cometh: Does tax uncertainty affect corporate cash holdings? *Review of Accounting Studies*, 22(3), 1198–1228. <https://doi.org/10.1007/s11142-017-9398-y>
- Hassan, I. M., Amin, H. M. G., Mostafa, D., & Elamer, A. A. (2023). Roles of board of directors and earnings management across SMEs life cycle: Evidence from the UK. *International Journal of Accounting & Information Management*, 31(4), 676–703. <https://doi.org/10.1108/IJAIM-01-2023-0017>
- Ibrahim, A. E. A. (2018). Board characteristics and asymmetric cost behavior: Evidence from Egypt. *Accounting Research Journal*, 31(2), 301–322. <https://doi.org/10.1108/ARJ-11-2015-0148>
- Khuong, N. V., & Anh, L. H. T. (2023). The nexus between corporate social responsibility and firm value: The moderating role of life-cycle stages. *Social Responsibility Journal*, 19(5), 949–969. <https://doi.org/10.1108/SRJ-09-2021-0370>
- Lima, A. S. D., Carvalho, E. V. A. D., Paulo, E., & Girão, L. F. D. A. P. (2015). Estágios do ciclo de vida e qualidade das informações contábeis no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(3), 398–418. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151711>
- Marques, V. A., Campos, B. da S., Alencastre, B. Z., Louzada, L. C., & Martinez, A. L. (2022). Agressividade tributária, estágios do ciclo de vida e nível de investimentos: Uma análise do efeito moderador em empresas listadas na B3. *Contabilidade Vista & Revista*, 33(2), 57–83. <https://doi.org/10.22561/cvr.v33i2.6796>
- Martinez, A. L., & Ramalho, V. P. (2017). Agressividade tributária e sustentabilidade empresarial no Brasil. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 16(49), 7–16. <https://doi.org/10.16930/rccc.v16n49.2366>
- Martinez, A. L., & Bassetti, M. (2016). Ciclo de vida das empresas, book-tax differences e a persistência nos lucros. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 10(2), 148–162. <https://doi.org/10.17524/repec.v10i2.1312>
- Martinez, A. L., & Dalfior, M. D. (2016). Agressividade fiscal entre companhias controladoras e controladas. *Revista da Receita Federal: Estudos Tributários e Aduaneiros*, 2(1), 344–362.
- Naoum, V.-C., Ntounis, D., Papanastasopoulos, G., & Vlismas, O. (2023). Asymmetric cost behavior: Theory, meta-analysis, and implications. *Journal of International*

- Accounting, Auditing and Taxation*, 53, Article 100578.
<https://doi.org/10.1016/j.intaccudtax.2023.100578>
- Nkuiya, B. (2025). Effects of increasing risk in common resource exploitation under cost asymmetry. *American Journal of Agricultural Economics*, 107(1), 108–124.
<https://doi.org/10.1111/ajae.12483>
- Rachmawati, N. A., Utama, S., Martani, D., & Wardhani, R. (2023). Complementary level of financial and tax aggressiveness and the impact on cost of debt: A cross-country study. *South African Journal of Accounting Research*, 37(3), 161–176.
<https://doi.org/10.1080/10291954.2022.2143226>
- Rakia, R., Kachouri, M., & Jarboui, A. (2024). The moderating effect of women directors on the relationship between corporate social responsibility and corporate tax avoidance: Evidence from Malaysia. *Journal of Accounting in Emerging Economies*, 14(1), 1–24. <https://doi.org/10.1108/JAEE-01-2021-0029>
- Ribeiro, P. M., Brugni, T. V., da Cruz, P. B., & Nossa, S. N. (2024). Relação entre assimetria de custos e agressividade tributária no Brasil. *Revista Gestão Organizacional*, 17(1), 171–183. <https://doi.org/10.22277/rgo.v17i1.6422>
- Richartz, F., & Borgert, A. (2014). Comportamento assimétrico dos custos nas empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 7(3), 339–361. <https://doi.org/10.14392/asaa.2014070302>
- Richartz, F., & Borgert, A. (2020). Fatores explicativos para o comportamento assimétrico dos custos das empresas listadas na B3. *Revista Universo Contábil*, 16(3), 7–30. <https://doi.org/10.4270/ruc2020313>
- Roma, C. M., Louzada, L. C., da Silva Roma, P. M., Goto, H., & Souma, W. (2020). Earnings management, policy uncertainty and firm life cycle stages: Evidence from publicly traded companies in the USA and Brazil. *Journal of Financial Economic Policy*, 13(3), 371–390. <https://doi.org/10.1108/JFEP-02-2020-0031>
- Rosito, E. M. (2022). *Efeito da agressividade tributária na política de dividendos das companhias listadas na Brasil, Bolsa, Balcão S.A. (B3)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/247622>
- Shan, Y., Richardson, V. J., & Cheng, P. (2024). Assessing the asymmetric cost behavior in China. *Asian Journal of Accounting Research*, 9(2), 127–138.
<https://doi.org/10.1108/AJAR-05-2023-0152>
- Shamil, M. M., Gooneratne, D. W., Gunathilaka, D., & Shaikh, J. M. (2023). The effect of board characteristics on tax aggressiveness: The case of listed entities in Sri Lanka. *Journal of Accounting in Emerging Economies*, 14(4), 747–770.
<https://doi.org/10.1108/JAEE-08-2022-0224>
- Silva, A., Zonatto, V. C. da S., Dal Magro, C. B., & Klann, R. C. (2019). Comportamento assimétrico dos custos e gerenciamento de resultados. *BBR. Brazilian Business Review*, 16(2), 191–206.
<https://doi.org/10.15728/bbr.2019.16.2.6>
- Silva, J. M. da. (2016). *A influência do ciclo de vida organizacional sobre o nível de planejamento tributário* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório de Teses da USP <https://doi.org/10.11606/T.96.2017.tde-06012017-151945>

- Silva, M. C. de S., Costa, N. A., Locatelli, O., Fully, R. M. P., & Martins, V. F. (2020). Análise de eficiência de tax aggressiveness em empresas atuantes no segmento de saneamento básico brasileiro. *Revista Científica e Locução*, 1(18), 50–50.
- Silveira, L. M. S., Costa Filho, F. C., Paiva, L. E. B., & Matos, T. M. (2023). Honorários de auditoria e ciclo de vida organizacional: Um estudo em empresas listadas no Índice Novo Mercado da B3. *Revista de Contabilidade e Controladoria*, 15(3), 7–22. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v15i3.88349>
- Souza, J. L. de. (2019). *Influência do ciclo de vida organizacional no trade-off de gerenciamento de resultados por meio de accruals e decisões operacionais* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. Universidade Estadual de Maringá. https://pco.uem.br/0-arquivos/dissertacoes/2019_jose-luiz-de-souza.pdf
- Souza, B. C. de, Necyk, G. A., & Frezatti, F. (2008). Ciclo de vida das organizações e a contabilidade gerencial. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 27(1), 9–22. <https://doi.org/10.4025/enfoque.v27i1.7146>
- Stoduto, B. D., Rezende, L. A., & Júnior, A. C. B. (2020). Book-tax differences anormais, suavização dos resultados e real earnings management em empresas de capital aberto listadas no Brasil. *Revista Universo Contábil*, 16(1), 75–98. <https://doi.org/10.4270/ruc.2020104>
- Supriono. (2024). Tax aggressiveness seen from the current ratio, return on assets, debt to asset ratio, and capital intensity in the company in the tourism, restaurant, and hotel industry. *Jurnal Manajemen Bisnis dan Terapan*, 2(1), 54–65. <https://doi.org/10.20961/meister.v2i1.1056>
- Xu, S., & Zheng, K. (2020). Tax avoidance and asymmetric cost behavior. *Journal of Accounting, Auditing & Finance*, 35(4), 723–747. <https://doi.org/10.1177/0148558X18793757>
- Weiss, D. (2010). Cost behavior and analysts' earnings forecasts. *The Accounting Review*, 85(4), 1441–1471. <https://doi.org/10.2308/accr.2010.85.4.1441>
- Zhang, X., Husnain, M., Yang, H., Ullah, S., Abbas, J., & Zhang, R. (2022). Corporate business strategy and tax avoidance culture: Moderating role of gender diversity in an emerging economy. *Frontiers in Psychology*, 13, Article 827553. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.82755>